

EX-LÍBRIS

A marca de propriedade do livro

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA*

Considerações iniciais

Essas duas palavras latinas significam, em português: “dos livros de” ou “pertencentes a”. Representam, por assim dizer, uma variante da assinatura pessoal do proprietário.

O *ex-libris* é pouco conhecido até entre pessoas cultas, dentre intelectuais, bibliófilos e livreiros, o que é intrigante, pois está intimamente ligado à vida do livro, fonte de ilustração e saber.

Tomando como base os melhores estudos, deixaremos algumas ponderações sobre essas obras-primas miniaturais, que, quando coladas no livro, representam um pouco da alma de quem as imaginou.

Resumo da história das gravuras

Os desenhos das cavernas pré-históricas são as mais remotas representações do espírito, que chegaram até nós.

Acredita-se, porém, que foi no antigo Egito onde as gravuras se desenvolveram como forma de materializar sentimentos mais complexos. Os próprios hieróglifos, sob certo ângulo, são gravuras primitivas, organizadas para expressar pensamentos.

Em Roma, as gravuras ficaram restritas à classe alta e os primeiros livros, estampados com pranchas xilogravadas sobre o papel, só apareceram na China pelo ano de 868.

Na Idade Média, introduziram-se na Europa telas orientais. Foram criadas as primeiras estampas de imagens religiosas e cartas

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

de jogar, gravadas em madeira e tais deram origem, rapidamente, aos rótulos mais variados.

No Renascimento, apareceram as chapas para estampagem e os tipos soltos de madeira e metal. Na Idade Moderna, uma xilogravura aprimorada surgiu como arte independente dos livros, para competir com os novos processos das gravuras em metal (calcográficas) – a buril e a água-forte.

Com o advento dos processos modernos de arte gráfica, o *ex-líbris*, nos mais diversos países, tem-se expandido extraordinariamente, encontrando-se nas boas bibliotecas, públicas e particulares, como sinal de amor e zelo pelos livros.

Resumo da história do Ex-Líbris

Se procurarmos apoio na Arqueologia, teremos informações de uma tampa de caixa egípcia, de barro cozido, esmaltada em azul-pálido, que serviu para a guarda de papiros e pergaminhos, atualmente preservada no Museu Britânico (22.878).

Acredita-se que pertenceu à biblioteca do faraó Amenófis III, que reinou entre 1413 e 1377 a. C.

Parece-nos prudente, entretanto, aceitar o ano de 1188, como a data em que o *ex-líbris* surgiu com o completo sentido funcional, na Alemanha, pois ainda existem exemplares com a efígie de Frederico I, da Baviera, colados nas obras da sua biblioteca.

Naquele país, também, desde a Idade Média, floresceram, com maior brilho, a iluminura e o desenho heráldico, de rendilhadas armas e brasões, aprimorando-se ainda mais com o surgimento da arte xilográfica e, mais tarde, com a aparição da calcografia. Em pouco tempo, porém, países como a Holanda, a Inglaterra, a França e a Itália, disputariam, entre si e com a Alemanha, tal liderança.

Segundo Eduardo Frieiro, em *Os Livros Nossos Amigos*, nas bibliotecas das comunidades monásticas da Idade Média, já se tomavam todas as precauções possíveis contra os piratas dos livros. Registra que costumavam ter *ex-líbris* com inscrições que ameaçavam com penas de excomunhão, tanto os que furtavam ou en-

cobriam o furto, como os que, em vista do roubo, raspavam ou faziam desaparecer o *ex-líbris*. Os anátemas variavam de acordo com a importância da obra.

Entre os grandes da xilogravura e calcogravura, é necessário inscrever muitos dos que nos legaram célebres pinturas e desenhos, como Hans Holbein, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Van Dyck, Rembrandt, Goya, Rubens e muitos outros notáveis.

Considerando-se que o *ex-líbris*, durante muito tempo, ficou restrito às bibliotecas dos nobres e aos monastérios, é compreensível que só muito tarde se tenha começado a escrever sobre o tema.

Em 1872, surgiu em revistas e jornais, e o primeiro livro sobre o assunto foi o de A. Poulet-Malassis, intitulado *Les ex libris français*, em 1874. Atualmente existem milhares de títulos sobre a matéria e, já em 1906, um século atrás, portanto, era editada, em Leipzig, a *Bibliografia do Ex Libris*, de autoria do conde Emile Budan.

Entendendo que o escopo dessas considerações é tangenciar o tema, e não esgotá-lo, deixaremos aos leitores a possibilidade de estudá-lo melhor, em fontes específicas, conforme as relacionadas ao final, se o pretenderem.

Algumas definições sobre o Ex-Líbris

Registraremos algumas sínteses sobre o que estamos estudando, no sentido de orientarmos nossa caminhada por essa interessante trilha.

Ex Libris – “etiqueta impressa para indicar a propriedade pessoal de livros, é quase tão antiga quanto o próprio livro impresso”. *Enciclopédia Britânica*.

“*El ex libris* no es, em esencia, sino el signo de posesion o pertenencia que desde tiempo immemorial viene haciendo figurar todo dueño de um libro escrito o impresso, como señal de dominio o de propiedad particular”. (Francisco Esteve Botey – *Ex libris y Exlibristas*.

Ex Libris – “é uma etiqueta desenhada, ou gravada, usualmente decorada, que se cola num canto interior de um livro, como símbolo de propriedade”. *The American*.

“Por essas duas palavras se designam certas vinhetas, etiquetas, com um nome, iniciais, ou monograma, usadas por alguns bibliófilos, nos livros que possuem e as quais são, em geral, colocadas na guarda interior de um volume, isto é, no verso da pasta da frente. Consistem num pedaço de pele, ou mais vulgarmente de papel, tendo impresso o nome do possuidor do livro, acompanhado, muitas vezes, do seu brasão, de uma divisa ou de quaisquer ornamentos” *Dicionário Portugal*.

Ex Libris – “é o nome porque são designadas pequenas etiquetas de papel, reproduzidas por quaisquer processos mecânicos e que se colam na face interna da pasta frontal do livro, ou da anterior das brochuras, para indicar-lhes o possuidor”. – Clado Ribeiro de Lessa (Introdução ao Catálogo da 1ª Exposição Brasileira de Ex-Libris).

Resumo da história do Ex-Líbris brasileiro

O pesquisador Manuel Esteves, um dos pioneiros do estudo do *ex-libris* no Brasil, fala em seu livro *Ex libris*, publicado em 1954, sobre Minas Gerais no século XVIII e comenta acerca das importantes bibliotecas ali existentes, em razão do ciclo de prosperidade que desfrutava. Entre tantas, menciona a do cônego Luiz Vieira da Silva, ilustre brasileiro que tomou parte da Inconfidência Mineira.

Demonstra que o primeiro *ex-libris* do Brasil, criado no final do século dezoito, pertenceu a Manuel de Abreu Guimarães, rico e culto cidadão, que residia na antiga cidade mineira de Sabará-Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará do Rio das Velhas, e descreve tal marca de propriedade com a seguinte imagem:

“É uma bela alegoria às Artes, ao Comércio e à Indústria. Uma lira no centro. Ao lado um caduceu – que é a insígnia de Mercúrio – o deus do comércio.

Vê-se também o tridente – o cetro do Rei dos Mares. Em bonito cursivo caligráfico, trás o nome do possuidor.

Até hoje só se conhece um exemplar, é o que se encontra na coleção da Biblioteca Nacional e que já foi exposto, uma vez, ao público do Rio de Janeiro”.

A partir de então, outros amantes dos livros vieram alevantando mais monumentos ao saber humano – bibliotecas – tendo alguns lhes dedicado um ornamento de identificação, através dessas pequenas jóias de papel. Visconde de Porto Seguro, Visconde de Rio Branco, Viscondessa de Cavalcanti, Joaquim Nabuco, Osvaldo Cruz, Alfredo Pujol, Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, Clado Ribeiro de Lessa, Francisco Matarazzo Sobrinho, Ademar de Barros, Eduardo Frieiro, Gustavo Barroso, Maciel Pinheiro, Malba Tahan, Joaquim Nabuco, Santos Dumont, Machado de Assis, Cecília Meirelles, Eduardo Prado, José Mindlin, e muitos, muitos outros, estão entre os que se fundiram aos seus livros, através dessa marca de propriedade.

O Barão do Rio Branco foi o primeiro a se tornar colecionador de *ex-líbris*, em nosso País, e, em 1940, foi criada a “Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex-Líbris” (S.A.B.E.L.). Em seguida à fundação, foi organizada a 1^a. Exposição Brasileira de Ex Libris, sob a presidência do professor Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas-Artes. A partir de então, e continuamente, outras exposições têm-se seguido, irradiando o interesse por todo o território nacional.

A grafia da palavra Ex-Líbris

Importantes conhecedores, pesquisadores e usuários utilizam essas palavras latinas com e sem hífen. Comentaremos o assunto.

Primeiramente, podemos entendê-lo analisando o estudo de etnografia comparada, publicado na *Revista Lusitana*, pelo eminente filólogo português José Leite de Vasconcelos. Pensa o mestre que não é coerente usar o hífen nesse caso, e demonstra que a língua latina pede o uso sem o referido sinal de ligação.

Se observarmos a cronologia, veremos a expressão *ex libris* surgindo após o século XVI. De acordo com Manuel Esteves, já aludido, de início eram comuns tanto a expressão “*ex libris*” como “*ex bibliotheca*”, e, em ambas, não se usava hífen, depreendendo-se que o uso deste é coisa de pouco tempo para cá.

Cita ainda o eminente professor brasileiro Carlos Pastorino, do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, no *Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex Libris*, que, ao falar do próprio *ex libris*, trabalhou a matéria com os seguintes argumentos:

“Nas palavras *ex libris* não há hífen, pois são duas palavras latinas distintas: “*ex*” (de, dos) e “*libris*” (livros).

Se houvesse o hífen, mudaria o sentido (aliás, em latim não existe o hífen). Confrontem-se as expressões: “*ex-alunos*”, “*ex-diretores*” etc., ou seja “não são mais alunos”, “não são mais diretores”. “*Ex-Libris*”, pois, viria a ser: “não são mais livros.”

Corroborando essa linha de raciocínio, ressalvamos que a maioria dos latinistas e grandes conhecedores do tema raramente usam o hífen. Pensamos, entretanto, se usado, tal não diminui a importância da criação. Apenas a expõe a outras interpretações, senão vejamos.

O formidável Fausto Moreira Rato, na sua obra *Manual de Ex-librística*, editada em 1976, diz que em virtude de não se haver estudado atentamente o assunto, no início do uso na língua portuguesa, começou-se a usar o hífen ligando os dois elementos e, desde então, consagraram-se as duas formas (com e sem hífen).

Argumenta, com segurança, que existem duas maneiras corretas de escrevê-las: em latim – *ex libris* (sem hífen), ou em português – *ex-líbris* (com hífen e com acento agudo no primeiro “i”, em virtude desse segundo elemento ser paroxítono e terminar em “i”).

E continua, esclarecendo que a pronúncia correta, em qualquer dos casos, é “ékese libris”, pois, segundo ele, é assim que se diz a partícula “*ex*” em latim, quando não significa “que foi” ou “que já passou”. A pronúncia “eis” significaria “já não era”, “tinha sido”...

Enfim, ambas as grafias podem ser encontradas. Pessoalmente, preferimos a forma aportuguesada *ex-líbris*, inclusive porque é a registrada no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda.

Tais filigranas, entretanto, são parte da poesia que cerca o mundo do *ex-librista*, porquanto, mesmo se fora das normas, regras e tradições e mesmo quando algo muito simples, desde que

colado a um livro, como comprovada marca de propriedade, será, indubitavelmente, um *ex-líbris*.

Manuscritos, dedicatórias e ex-líbris manuscritos

Na interpretação de algumas autoridades na matéria, o adquirente do livro pode lhe apor a assinatura, tanto para uso próprio como para oferecê-lo, chamando tal de “*ex-líbris manuscritos*”.

O já mencionado Fausto Moreira Rato, entretanto, argumenta que só o autor tem o direito de escrever em sua obra, da mesma forma que o pintor o faz em sua tela. Em linhas gerais, pensa que quem assina em livro de outro, geralmente de boa-fé, não sabe que está desvalorizando a obra e assumindo, perante a posteridade, ares de pretensioso.

Para se oferecer um livro do qual não se seja autor, diz ele, basta lhe juntar um cartão pessoal – sinal de finura e delicadeza - como se faz com qualquer outra lembrança.

Continua, com a costumeira competência, definindo que assinaturas de autores valorizam as obras e podem ser importantes para uma coleção de autógrafos, mas não são *ex-líbris*, pois tais são assinaturas artísticas dos proprietários e têm características próprias.

Finaliza dizendo: o autor poderá destacar um livro, dentre os que está lançando, para a sua biblioteca. Neste caso, será proprietário, e, a exemplo de tantos escritores, poderá colar-lhe o *ex-líbris*, para registrar que aquele exemplar, particularmente, lhe pertence.

Entendemos e aceitamos, como qualquer bibliófilo, a diferenciação entre autor e dono, acima demonstrada. Um livro com a dedicatória de Cecília Meirelles, por exemplo, que deve ter dedicado outros da mesma edição, é raro e importante. O que, comprovadamente, porém, pertenceu à própria Cecília é único e maravilhoso.

Esclarecimentos

Alguns tópicos podem aparecer nessa literatura e, mesmo fora do âmbito deste estudo, queremos comentá-los em linhas gerais:

Finis libris

É um ex-líbris colado no verso da contracapa, ou seja, ao final do livro, no verso da cobertura posterior. Raramente é encontrado e, ainda assim, pode o mesmo livro conter o ex-líbris no local adequado.

Super libris

Também chamado Super libros, é uma marca ornamental externa, geralmente aplicada na lombada, que algumas vezes aparece com divisa, abreviatura do nome ou iniciais do proprietário. Alguns preferem chamá-lo de *ex-líbris* exterior e comumente vem acompanhado do *ex-líbris*.

Ex-líbris múltiplos

Uns poucos criam *ex-líbris* diferenciados para os diversos campos da sua biblioteca, tais como Direito, Filologia, História, etc.

O caminho para o seu ex-líbris

O ex-líbris é a representação gráfica de uma filosofia pessoal; uma imagem que toma forma, primeiramente, no pensamento de quem o idealiza.

Marcel Moeder, que escreveu com segurança sobre o assunto, dizia que o ex-líbris deveria ser, de fato, “o retrato do dono”. Um padre, um cientista, ou um político, entre outros amantes dos livros, que pensem em criar uma assinatura ex-librística, deverão intuí-la de acordo com o seu sentir e viver, diferenciados.

Uns associam o ex-líbris ao lírico, outros ao moral, alguns mais ao erótico, ao humorístico, ao religioso, ao eterno etc. Em linhas gerais, entretanto, podem ser resumidos os motivos a três grandes grupos: o simbólico, o heráldico e o paisagístico. Há, ainda, ex-líbris mistos, que podem pertencer a mais de uma categoria.

Uma divisa que resuma a história, a vida ou as atividades do proprietário, embora aconselhável, não é obrigatória. O essencial é que apareça o nome, a abreviatura ou as iniciais do usuário, para que se identifique o dono do livro e se cumpra a sua função primordial.

De acordo com Fausto Moreira Rato, a expressão latina *ex libris* ou a palavra portuguesa ex-líbris deve vir acima ou antes do nome do proprietário, para que se possa ler “Dos livros de fulano” e não “Fulano dos livros de”. E dá a regra a seguir: “se o nome do usuário vier em latim, será *ex libris*, sem hífen (*ex libris/Iosephi..*); mas se o nome figurar em português, o termo será *ex-líbris*, com hífen e preposição (*ex-líbris /de José...*).”

O conjunto, com iniciais, abreviaturas, desenhos e, em alguns casos, com o retrato do dono, formam uma marca de posse. Isso a diferencia de um simples quadro em miniatura.

Embora bons ex-líbris tenham sido executados pelos próprios donos, é mais comum que se procurem artistas com experiência, os quais se definirão por um dos seguintes principais processos: zincografia, buril, xilogravura ou água-forte. Se por um lado há os que executam os trabalhos sozinhos, de outra parte, há os que deixam tudo para o artista – criação e execução – o que também não é coerente.

Quando possível, cremos que a primeira parte – a imaginária – deve ser do proprietário e a segunda parte – a técnica – dos artistas (desenhistas e executores).

Embora haja tendência para a grandeza e variedade, poder-se-ia afirmar que a simplicidade é, talvez, a melhor regra, pois o excesso quase sempre confunde e tira a objetividade.

O ex-líbris deve ser colado na capa interior do livro, para assinalar a posse. Em obra adquirida com ex-líbris de dono anterior, deverá o atual proprietário colar o seu à direita do já encontrado. E isso tantas vezes quantas a obra houver mudado de possuidor.

É fantástico manusear um livro que contenha várias dessas etiquetas, as quais mostram épocas, costumes, personalidades, formas de arte, religiões, e, não raro, continentes, línguas e civilizações diferentes.

Considerações finais

Apresento, logo a seguir, alguns ex-líbris estrangeiros, brasileiros, e cearenses, estes últimos pela primeira vez mostrados,

como forma de homenagear importantes personagens, entre tantos outros, que muito têm feito pelos livros.

Ao concluir este ensaio, sugiro aos que têm bons acervos públicos ou privados, que lhes dediquem uma marca de propriedade. Tal proporcionará maior segurança ao patrimônio e registrará, de forma perene, o nome de quem valorizou os seus melhores amigos – os livros.

Alguns Ex-líbris estrangeiros





Alguns Ex-líbris brasileiros



EX-LIBRIS DE CECILIA MIRELLÉS





Biblioteca Barão do Rio Branco



Ex-Líbris de Eduardo Campos



Alguns Ex-libris cearenses



Bib. Lúcio Alcântara





Ex-líbris de Antonio Salles



Ex-líbris de Hemetério Cabrinha





Ex-libris de Cid Carvalho



Biblioteca Antonio Fontenele de Carvalho



Biblioteca brasileira de Mister Hull



Bibliografia consultada

DEROUET, Luís. *Primeira exposição de ex-libris em Portugal*. Lisboa: Imp. Nacional, 1930.

DUARTE, Sérgio Avelãs. *Ex-libris portugueses heráldicos*. Porto: Liv. Civilização, 1990.

ESTEVES, Manuel. *O ex libris*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1954.

EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE EX-LIBRIS, 2., 1948. Rio de Janeiro: Sociedade dos Artistas Nacionais/ Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex-Libris, 1948.

EXPOSIÇÃO DO 144º. ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL / Colaboração do Clube Internacional de Ex Libris. Rio de Janeiro, 1952.

EXPOSIÇÃO MUNICIPAL DE EX LIBRIS, 1., 1949, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1949.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. São Paulo: O Pensamento, 1957.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Alberto. *O Exercito no Ex libris*. Rio de Janeiro: Imp. Militar, 1950.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: EDUSP, 1997. (ISBN: 85-314-0411-8)

MORAIS, Rubens Borba de Moraes. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

RATO, Fausto Moreira. *Manual de Ex-Librística*. Lisboa: Imp. Nacional/Casa da Moeda, 1976.

TOURINHO, Octávio de Campos. *Arquivo brasileiro de Ex-Libris*. Rio de Janeiro, 1950.